

PRESSÃO TOTAL

no Conselho de Ética

GUSTAVO KRIEGER

DA EQUIPE DO CORREIO

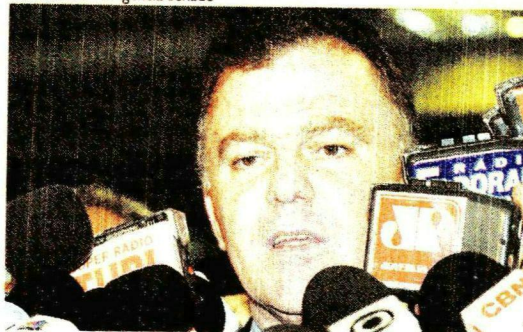
Com apoio do Palácio do Planalto, o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), passou um rolo compressor sobre o Conselho de Ética para garantir o arquivamento das investigações contra ele. O instrumento foi seu aliado Leomar Quintanilha (PMDB-TO). Eleito na quarta-feira à noite para presidir o conselho, ele não demorou a mostrar serviço. Seu primeiro ato foi desconvidar o senador Renato Casagrande (PSB-ES), a quem havia indicado publicamente como relator do caso Renan. Casagrande era considerado independente demais pelo comando do PMDB. Quintanilha foi mais longe. Pediu um parecer à Consultoria Jurídica do Senado sobre os limites da investigação.

A consultoria é subordinada ao próprio Renan. A estratégia do presidente do Senado e seus aliados é restringir o julgamento do conselho à acusação inicial que um lobista ajudava a pagar despesas de Renan. A outra suspeita surgida no decorrer da investigação, de que o senador usou notas frias de venda de gado para justificar sua renda, seria transferida para o Supremo Tribunal Federal (STF). Lá, o julgamento se arrastaria por anos e não sofreria pressão da mídia e da opinião pública.

Renan saiu da defensiva porque se sente fortalecido pelo apoio do Palácio do Planalto (leia mais na página 3). Com aval do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, PMDB e PT forçaram a renúncia do ex-presidente do conselho Sibá Machado (PT-AC), que perdera a confiança do presidente do Senado. Ele renunciou na terça-feira à noite e na manhã seguinte Renan reuniu-se com Lula. Argumentou que a campanha por sua cassação tornou-se uma briga dos partidos de oposição contra o governo, de quem é aliado. Depois do encontro, o presidente pressionou os senadores do PT a cerrar fileiras em torno de Renan. Com o bloco governista enquadrado, Quintanilha foi eleito.

O único senão era a perspectiva de ter Casagrande como relator. Para Renan, a relatoria é tão

Marcia Kalume/Agência Senado



**CASAGRANDE: O EX-FUTURO RELATOR
DO PROCESSO CONTRA RENAN CALHEIROS**

importante quanto a presidência do colegiado. Se um cargo comanda o ritmo da investigação, é o outro que proporrá sua absolvição ou punição. Quintanilha ofereceu publicamente o posto a Casagrande durante o discurso no qual pedia votos aos integrantes do conselho. Foi uma forma de acalmar os senadores da oposição, que ameaçavam abandonar a votação.

O problema foi que Casagrande aceitou. Renan não confia no apoio dele. Acha que o senador do PSB tem fechado com muitas teses da oposição. Sem saber como lidar com o caso, Quintanilha escondeu-se. Passou o dia sem atender os seguidos telefonemas de Casagrande. Enquanto o futuro ex-relator deixava recados na caixa postal de seu celular, o presidente do conselho foi à casa de Renan. Lá, definiram a estratégia. Às 17h30, finalmente atendeu Casagrande. Contou que decidira adiar a escolha do relator. Antes disso, quer "sanear" o processo contra Renan. Aí entra a consulta à assessoria jurídica do Senado. "Não quero incorrer nos equívocos, nos tropeços que ocorreram no conselho até agora", argumentou. Eu não posso sair agindo fora dos limites do regimento interno e da Constituição". Ao saber que tinha sido desconvidado, Casagrande reagiu duramente: "Esse tipo de atitude desmoraliza o conselho e o Senado".

Limitar a investigação é tudo que Renan deseja.

Ele acha que tem condições de ser absolvido pela acusação de que recebia dinheiro de um lobista para pagar contas pessoais, porque não surgiram provas. No caso mais complicado, que é a suspeita de uso de notas frias para justificar vendas de gado, ele prefere jogar o julgamento para o Supremo.

Renan avalia que perdeu a guerra na mídia e que qualquer atitude em seu favor será condenada pela imprensa. Com essa avaliação, acha que é melhor ser acusado de manobrar o conselho e tentar encerrar o caso que prolongar a crise. Em público desmente qualquer interferência. "O Conselho de Ética é soberano e não me envolvo em suas decisões", diz.

Outro problema é que Renan conta com uma maioria pouco confiável no conselho. São nove senadores governistas, contra sete da oposição. Dois parlamentares do governo têm sido críticos a Renan: Casagrande e o petista Eduardo Suplicy (SP). O PMDB pressiona o governo a substituí-los, se for necessário. Mas antes eles serão induzidos a renunciar, como aconteceu com Sibá e outros parlamentares que abandonaram a defesa do presidente do Senado. Para não dar munção a essa estratégia, Casagrande decidiu-se, mais tarde, por uma tática de cautela. Adiou sua viagem de volta para o Espírito Santo e adotou um discurso mais moderado no fim da noite, de que ainda tem expectativa de relatar o caso.

Chantagem

Outra estratégia de Renan é partir para o ataque contra a jornalista Mônica Veloso e seu advogado Pedro Calmon. Foram eles quem iniciaram as denúncias, ao acusar que o lobista Cláudio Gontijo pagaria a pensão devida pelo senador a uma filha que teve com a jornalista.

Ontem, Renan deu várias entrevistas, inclusive dois longos depoimentos a emissoras de televisão, para dizer que foi chantageado por Mônica e Calmon. Ele avalia que o advogado fragilizou-se porque mentiu ao Conselho de Ética, quando negou que Mônica tivesse gravado conversas com Renan e Gontijo. Esta semana o próprio Calmon entregou as gravações ao conselho.